

DAS POSSÍVEIS IDENTIDADES DO TRADUTOR: ALGUMAS “PONTES” DE INTERROGAÇÃO

ABOUT THE POSSIBLE TRANSLATOR’S IDENTITIES: SOME “BRIDGES” OF QUESTION



Andressa Franco OLIVEIRA
Mestranda

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos
São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/2026973404756120>
<https://orcid.org/0000-0002-5160-9460>
andressafrancooliveira@gmail.com

Maria Angélica DEÂNGELI
Professora doutora

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas
Departamento de Letras Modernas
São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/3428288938857306>
<https://orcid.org/0000-0002-5181-1634>
angelica.deangeli@unesp.br

Resumo: O presente artigo tem por objetivo analisar aspectos contraditórios relacionados à configuração identitária do sujeito tradutor a partir de um corpus obtido pelas respostas dos discentes do curso de Bacharelado em Letras com Habilitação de Tradutor, da Unesp, campus de São José do Rio Preto, a um questionário que lhes foi aplicado durante pesquisa recente. Assim, para tratar de noções relativas à problemática da identidade, este estudo se apoia nos trabalhos de Hall (2000) e Coracini (2007), em que, sob perspectivas diferentes, os autores abordam os deslocamentos subjetivos decorrentes dos processos de transformações identitárias. No campo específico dos Estudos da Tradução, faz-se referência à pesquisa de Rodrigues (2012), em que a autora traça um panorama, da antiguidade à contemporaneidade, de diversas abordagens da tradução, apontando as diferentes concepções teóricas subjacentes a tais abordagens e suas implicações tanto para a prática tradutória quanto para a constituição identitária do tradutor. Também para discorrer a respeito da questão identitária no âmbito dos Estudos da Tradução, tomam-se por base os estudos de Arrojo (1986) e Darin (2010), nos quais as autoras tratam das imagens atribuídas ao sujeito tradutor. No que concerne à noção de representação, parte-se dos escritos de Moscovici (2003), Silva (2012) e Hall (2016). Do ponto de vista analítico, parte do corpus elaborado com base nas respostas aos questionários mencionados acima foi analisado e foram feitas algumas considerações a respeito do curso ao qual este trabalho se vincula. Busca-se, por fim, mostrar a visão contraditória que emerge dos discursos de tradutores em formação sobre suas próprias identidades, ora considerando-se como meros transportadores de significados, percepção que se sobressai na imagem, há muito debatida, do tradutor como ponte, ora reivindicando seus espaços de subjetividade. Nas considerações finais deste artigo, abordam-se possíveis razões que levam o tradutor a se definir de maneira controversa e procura-se ressaltar a heterogeneidade como elemento constitutivo das identidades atribuídas ao tradutor.

Palavras-chave: Identidade. Tradutor. Ponte. Subjetividade. Representação.

Abstract: The present article aims to analyze contradictory aspects related to the configuration of the translator's identity from a corpus obtained by the answers of the students from the Bachelor's Degree in Languages with Major in Translation course, from São Paulo State University (Unesp), campus of São José do Rio Preto, to a questionnaire that was applied to them in a recent research. Therefore, in order to treat about concepts related to the problematics of identity, this study is based on the works of Hall (2000) and Coracini (2007), in which, under different perspectives, the authors approach the subjective changes resulting from the processes of identity transformations. In the specific field of Translation Studies, it is made a reference to the researches of Rodrigues (2012), in which the author sketches an overview, from the ancient times to nowadays, of diverse translation



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

approaches, pointing out the different theoretical conceptions underlying to such approaches and their implications to the translation practice and to the identity constitution of the translator. Also, to discourse about the identity issue in the field of Translation Studies, it is taken as basis the studies of Arrojo (1986) and Darin (2010), in which the authors treat the images attributed to the translator. In relation to the representation concept, the starting points are the writings of Moscovici (2003), Silva (2012) and Hall (2016). From the analytical point of view, part of the corpus elaborated based on the answers to the questionnaires mentioned above was analyzed and some considerations about the course to which this research is linked were made. Finally, it aims to show the contradictory view that emerges from the discourses of the translators in training about their own identities, one time considering themselves as simple meaning “transporters”, perception that stands out in the image, long discussed, of the translator as bridge; another, demanding their spaces of subjectivity. In the final considerations of this paper, it is approached possible reasons that lead the translator to define themselves in a controversial way and it tends to highlight the heterogeneity as a constitutive element of the identities attributed to the translator.

Keywords: Identity. Translator. Bridge. Subjectivity. Representation.

2 **N**as últimas décadas, os discursos sobre os fenômenos identitários legitimaram-se tanto no campo científico quanto na esfera do senso comum. As reivindicações identitárias passaram a ser uma constante das sociedades contemporâneas, estas, não raro, cada vez mais revestidas de caráter autoritário e indiferentes ao sentido de tais reivindicações. No entanto, apesar do cenário pouco propenso à escuta dessas manifestações, as identidades não cessam de se dizer, ainda que, muitas vezes, das margens às quais foram relegadas.

Nas discussões que pautam este trabalho, as questões identitárias são abordadas com base em discursos de estudantes de tradução quando interrogados sobre suas próprias visões e crenças do que é ser tradutor.

A problemática a respeito do que é ser tradutor possui relação direta com as diferentes abordagens teóricas da tradução elaboradas durante o tempo. Desde os primeiros trabalhos científicos até as pesquisas mais recentes, percebe-se que diversas identidades foram e continuam sendo atribuídas ao sujeito tradutor em função daquilo que, em determinada época e por razões bastante distintas, cada pensamento considerou como o “ideal de tradução”. Assim, a identidade do profissional da tradução, como a de todos os sujeitos, passou e ainda passa por constantes transformações decorrentes, dentre outros, das representações sociais (re)produzidas em diferentes momentos históricos sobre a referida profissão e, também, sobre o sujeito que a exerce. Para tratar especificamente de duas identidades, que consideramos contraditórias em seus princípios, partimos de duas perspectivas teóricas divergentes.

Pesquisadores e estudiosos inseridos numa perspectiva de pensamento pós-moderna consideram o tradutor como um sujeito dotado de subjetividade e perpassado por ideologias. Apesar dessas concepções terem adquirido espaço considerável no campo dos Estudos da

Tradução, é possível perceber que ainda, em muitos discursos, vigora uma visão “tradicionalista” da identidade desse profissional, a qual é defendida e reproduzida tanto no senso comum quanto no meio acadêmico. De acordo com esses conceitos mais tradicionalistas, o tradutor é definido como um sujeito dotado de razão, centrado, unificado, capaz, portanto, de ser completamente “fiel” tanto à obra original quanto ao autor desta.

Além de ambas as perspectivas assumirem diferentes posicionamentos a respeito da constituição identitária do tradutor, em uma pesquisa recente desenvolvida por nós, notamos certa contradição de alguns tradutores em formação a respeito de suas próprias identidades. Em resposta à questão “O que é ser tradutor, para você?”, por nós elaborada, alguns voluntários desse estudo revelaram ter um ponto de vista oscilante sobre sua identidade. Em seus discursos, parte dos participantes defende argumentos, ora corroborando um pensamento que dá lugar e voz à subjetividade do tradutor, ora apontando o apagamento de suas identidades.

Assim, neste trabalho tratamos desse(s) paradoxo(s) que se fazem explícitos nos discursos de tradutores em formação e que revelam a complexidade da trama identitária que perpassa seus imaginários. Para tanto, em um primeiro momento, apresentamos algumas questões teóricas relativas ao conceito de identidade em sua intersecção com noções a respeito da tradução e do papel do sujeito tradutor. Em seguida, discorreremos brevemente a respeito dos questionários aplicados em pesquisa recente e do curso de Bacharelado em Letras com Habilitação de Tradutor, da Unesp, campus de São José do Rio Preto, local onde realizamos nossa pesquisa. Para compor nossa análise, utilizamos fragmentos de discursos de tradutores em formação a respeito do que é ser tradutor. Com base nas investigações feitas e no aporte teórico elencado, buscamos problematizar os discursos que se tecem em torno da constituição identitária desses sujeitos.

Questões identitárias e(m) tradução

Os debates em torno da problemática da identidade perpassam domínios aparentemente simples que dizem respeito, por exemplo, às várias identidades que uma pessoa pode assumir em diferentes momentos de sua vida, tais como a identidade de filho(a), aluno(a), professor(a), tradutor(a), pesquisador(a), etc., envolvendo também questões relacionadas à identidade de gênero e de raça, temas de muita pertinência no cenário atual. No que concerne às discussões empreendidas no campo da ciência, a questão identitária adquire caráter complexo, uma vez que abrange noções de cunho político-cultural, tais como: a noção de representação, o impacto das relações de poder, a questão acerca da alteridade e da subjetividade, dentre outras.

Assim, discorrer sobre identidade é adentrar caminhos bastante tortuosos, cujas saídas nunca são dadas de antemão. Um dos teóricos que se debruçou extensamente sobre questões de identidade, cujo trabalho muito nos interessa no contexto desta reflexão, é Stuart Hall. Em *A identidade cultural na pós-modernidade* (2000), Hall trata da questão identitária como um fenômeno amplamente discutido na teoria social. Segundo o autor, as velhas identidades que, por tanto tempo, consideraram o homem como um ser centrado e unificado entraram em declínio, provocando no sujeito a chamada “crise de identidade”. As mudanças nas estruturas das sociedades seriam as grandes responsáveis pelas transformações nas identidades de cada um; pois incapaz de definir uma identidade que o caracterize por completo, o sujeito viveria uma “crise de identidade”.

Conforme ressalta Hall, a noção de sujeito passou por transformações que abalaram a forma como os povos se veem e são vistos. Do ponto de vista teórico, segundo o autor, é possível apontar três perspectivas distintas no tratamento dado à questão: a concepção de sujeito do Iluminismo, de sujeito sociológico e de sujeito pós-moderno. De acordo com Hall, o sujeito do Iluminismo é caracterizado como um ser dotado de razão, centrado, unificado, sustentando a crença de que sua identidade permaneceria fixa ao longo de sua vida. Já o sujeito sociológico emerge da crescente complexidade do mundo moderno e da percepção de que o sujeito não é autossuficiente, mas se faz (e se desfaz) a partir de suas variadas relações com a sociedade. Segundo essa visão, o sujeito teria sua “essência interior” modificada por sua interação com diversas comunidades. Por fim, a concepção de sujeito pós-moderno revela a impossibilidade de o sujeito experimentar uma identidade fixa e permanente no decorrer de sua existência, pois sujeito e identidade, abalados por acontecimentos psíquicos e culturais de ordens diversas, são sempre instáveis e passíveis de mudança.

Assim, de acordo com Hall, pode-se dizer que o sujeito passou por três fases importantes, de sujeito cartesiano a sujeito pós-moderno, em que lhe foram atribuídas características distintas (centramento/descentramento; fixidez/instabilidade; constância/transformação...) segundo circunstâncias históricas e sociais específicas.

Se considerarmos as diversas mudanças identitárias ocorridas com o sujeito tradutor no decorrer do tempo, será possível notar que as transformações apontadas por Hall também se fazem perceptíveis no âmbito específico da subjetividade do tradutor.

Coracini, na obra *A celebração do outro* (2007), dentre os inúmeros discursos sobre identidade que são objetos de sua análise, afirma que o sujeito tradutor não tem uma identidade fixa e permanente, mas que sua identidade está em constante transformação. Segundo a autora,

a posição de “entre-lugar” ocupada pelo tradutor reforça essa condição de sujeito atravessado pelo acontecimento do outro, cuja identidade sempre “desliza, escapa, derrapa...”. Segundo a autora:

O tradutor se encontra, pois, entre a ânsia de fidelidade e a impossibilidade de ser fiel; entre a busca das intenções do autor e a impossibilidade desse encontro; entre o consciente e o inconsciente; entre a necessidade e a impossibilidade da tradução; entre a reprodução e a criação; entre a ilusão do controle de si, do seu dizer, dos efeitos de sentido de seu dizer e o inefável; enfim, o tradutor se encontra entre o desejo do conforto da determinação e a contingência desconfortável da indeterminação, terreno movediço onde os sentidos deslizam, escapam, adiando *ad infinitum* o tão desejado porto seguro e o conforto da totalização; entre a necessidade da invisibilidade e o desejo de um reconhecimento social (e econômico); entre a língua do outro e a língua dita materna, já que o tradutor também poderia dizer, juntamente com Derrida (1996), “só tenho uma língua, ela não me pertence”, ou com Lacan: “sou estrangeiro em minha própria casa”, ou ainda com Kristeva (1988): “o estranho habita em nós”, ou com Rimbaud: “Eu é um outro” — e é na e pela identificação com o outro que todo sujeito define sua identidade que, tal como a linguagem, desliza, escapa, derrapa... (Coracini, 2007, p. 180, grifos da autora)

5

Ainda, no campo das identidades que se tecem a respeito do sujeito tradutor, é interessante mencionar a imagem difundida por determinadas teorias da tradução segundo as quais o tradutor é visto como um traidor (*traduttore traditore*). Vários dos princípios baseados nos ideais da modernidade consideravam que o tradutor, ao ler e interpretar o texto original, poderia cometer “falhas” ou mesmo se distanciar do texto fonte e das ideias do autor.

Assim, como uma tentativa de atenuar a “traição” cometida a cada tradução, acreditou-se por muito tempo que o tradutor deveria “apagar-se” no texto, ou seja, tornar-se “invisível” ao leitor. No entanto, essa invisibilidade, ainda defendida por alguns, tem sido alvo de críticas, principalmente no âmbito de um pensamento pós-moderno em/da tradução.

Nesse contexto, o fazer tradutório não se dissocia de questões ideológicas e psíquicas, uma vez que o tradutor — assim como todo sujeito — é atravessado por ideologias diversas e pelo inconsciente, que “fala” à sua revelia. Portanto, não é possível que ele seja invisível, visto que a própria existência da tradução pressupõe a presença de um sujeito (tradutor).

Tendo em vista que a identidade do tradutor não cessa de ser afetada por inúmeras mudanças decorrentes não apenas das representações sociais que lhe são conferidas como também de diferentes teorias e pensamentos desenvolvidos no âmbito dos Estudos da Tradução, elencamos, a seguir, alguns aspectos da constituição identitária do sujeito tradutor em duas diferentes abordagens da tradução¹.

Em “Estudos da Tradução”, Rodrigues (2012) trata das abordagens contemporâneas da tradução e do papel do tradutor em cada uma delas, fazendo também menção a traduções que eram feitas desde os romanos e gregos e a suas implicações para o fazer tradutório. De acordo com a autora, podem-se apontar quatro diferentes abordagens dos Estudos da Tradução: a abordagem de fundamentação linguística, a abordagem funcional, os estudos descritivos, e os estudos da tradução na pós-modernidade.

Segundo Rodrigues (2012), a abordagem de fundamentação linguística se caracteriza por considerar a tradução como um transporte de conteúdo do texto fonte para o texto traduzido, com o intuito de estabelecer uma equivalência com o texto original. Nessa perspectiva, o processo de elaboração da tradução é unidirecional. De acordo com a autora, isso significa que:

... o processo é tratado como asséptico, como uma mera passagem, como se a cultura, ou os valores vigentes na cultura que produz a tradução, não contaminassem de alguma forma a prática, não exercessem papel importante na relação que o tradutor estabelece entre texto original e tradução ... (Rodrigues, 2012, pp. 357-358)

Nesse sentido, o tradutor é visto apenas como um “transportador de significados neutros e objetivos” (p. 358), ou seja, ele é considerado uma “ponte” que conecta um texto ao outro e, conseqüentemente, uma cultura à outra. Dentre os diversos teóricos e estudiosos defensores da abordagem de fundamentação linguística, Rodrigues cita Catford (1965), Nida (1964, 1982) e Baker (1992).

Em contrapartida a esses ideais, encontra-se a perspectiva de pensamento que se convencionou chamar, segundo Rodrigues (2012, p. 368), de “condição pós-moderna”. A pós-modernidade, conforme afirma a autora, se fundamenta na crítica ao pensamento moderno e, conseqüentemente, na ênfase ao tratamento de questões a respeito da heterogeneidade, da identidade, da diferença, como também de noções que concernem às relações de poder, à ideologia, à subjetividade, dentre outras. Alguns dos principais teóricos inspiradores desse pensamento são Arrojo, Niranjana, Simon e Venuti.

OLIVEIRA, Andressa Franco; DEÂNGELI, Maria Angélica. Das possíveis identidades do tradutor: algumas “pontes” de interrogação. *Belas Infiéis*, Brasília, v. 10, n. 2, p. 01-22, 2021. e-ISSN: 2316-6614. DOI: <https://doi.org/10.26512/belasinfiéis.v10.n2.2021.32915>

Numa perspectiva pós-moderna, como afirma a autora, as concepções modernas de tradução, língua e do que é ser tradutor são questionadas e adquirem sentidos diversos. A tradução passa a ser considerada como uma prática de resistência, isto é, uma forma de questionar as binaridades provenientes das teorias “tradicionais”, tais como: texto original x tradução, autor x tradutor, homem x mulher, ocidente x oriente, metrópole x colônia, dentre outras. Segundo Rodrigues (2012), o principal motivo para o questionamento desses pontos está ligado ao fato de as binaridades sempre valorizarem um dos polos em detrimento do outro.

No contexto do que se considera como pensamento pós-moderno, conforme elenca a autora, existem diversas vertentes, tais como a dos estudos pós-estruturalistas, pós-colonialistas e a dos estudos feministas. Ainda, segundo a autora, na perspectiva pós-estruturalista, é dada ênfase às questões linguísticas com foco em uma visão questionadora da língua como estrutura homogênea e estável. Desse modo, para o pós-estruturalismo, a língua é heterogênea, instável e passível de mudança; assim como o sujeito não possui uma identidade fixa e estável ao longo de sua existência (Hall, 2000), a língua, sempre modificada pelo seu uso, também não pode ser considerada uma e homogênea.

Já os estudos pós-colonialistas, conforme destaca Rodrigues (2012, p. 370), problematizam a prática tradutória na condição colonial, isto é, em situações nas quais a relação tradução x texto fonte é desigual. Nessa vertente, são objetos de estudo noções relativas à diferença, à heterogeneidade, à resistência do tradutor e à reivindicação do outro na tradução. Nesse mesmo espaço de discussão, abordam-se questionamentos acerca da domesticação e da estrangeirização: práticas utilizadas pelo tradutor que podem ora apagar questões culturais provenientes de um texto fonte, ora dar ênfase a essas mesmas questões.

É nesse âmbito de interrogação das certezas e dos abalos da estabilidade do sujeito e de seu próprio conhecimento que se tecem os contornos do pensamento pós-moderno, no qual as binaridades texto original x tradução, metrópole x colônia, dentre outras, são postas em xeque. Defende-se, aqui, a prática da resistência na tradução e o tradutor passa a ser considerado como um sujeito dotado de subjetividade, instável e cuja produção tradutória é elaborada a partir de uma interpretação que nunca é neutra, mas sempre atravessada por questões subjetivas e ideológicas.

Por fim, Rodrigues (2012, p. 371) trata da vertente feminista nos Estudos da Tradução na pós-modernidade em que se enfatizam questões de gênero. Dentre os conceitos problematizados nessa abordagem, conforme sustenta a pesquisadora, está o questionamento a respeito do texto original (masculino) x tradução (feminina). Destaca-se nessa perspectiva o

trabalho de tradutoras feministas responsáveis pela elaboração de traduções intervencionistas que modificam ideais considerados politicamente incorretos e opressores.

Assim, ambas as perspectivas abordadas anteriormente defendem concepções divergentes a respeito do traduzir e do papel do tradutor. A questão relativa à tradução e ao papel do tradutor também é destacada por Arrojo, em sua conhecida obra *Oficina de Tradução* (1986). Nesse trabalho, a autora propõe a redefinição do conceito moderno de fidelidade.

Segundo Arrojo, as abordagens tradicionais, dentre elas a abordagem de fundamentação linguística, consideram fidelidade como a manutenção da totalidade do texto original na tradução, do estilo original e de sua fluência. Numa visada diametralmente oposta, as teorias contemporâneas consideram a “fidelidade” como um processo que envolve a interpretação de um determinado texto de acordo com um contexto específico, a concepção do que é tradução e do tipo de texto a ser traduzido. Logo, o tradutor deixa de ser “fiel” ao texto “original” e passa a ser “fiel” ao contexto de produção da tradução e de sua interpretação do texto de partida.

De acordo com Arrojo (1986, p. 76), o tradutor é um sujeito que não só domina as línguas com as quais trabalha, como também aprende a ler, a produzir significados conforme o seu contexto de escrita. Dessa forma, segundo a autora, o tradutor tem o poder de influenciar e transformar a comunidade na qual seu texto será publicado. Essa, portanto, é uma das imagens atribuídas ao profissional da tradução com base em uma perspectiva pós-moderna.

As imagens responsáveis pela configuração identitária dos tradutores provêm não só de diferentes abordagens teóricas, como também de representações sociais reproduzidas desde o âmbito do senso comum. Logo, a questão da representação também subjaz a todo o aporte teórico elencado neste trabalho.

Concebida no âmbito da teoria social, a representação é definida por Moscovici (2003) a partir de sua função primeira, ou seja, a de interpretação da realidade que nos cerca, mantendo com esta relação de simbolização e atribuindo-lhe significações. Nesse sentido, ela estabelece relação com sistemas de pensamentos e valores, o que envolve os conhecimentos, as opiniões e as crenças que são produzidos e partilhados pelos sujeitos de um mesmo grupo. Segundo o autor:

As representações sociais são entidades quase tangíveis. Elas circulam, se entrecruzam e se cristalizam continuamente, através duma palavra, dum gesto, ou duma reunião, em nosso mundo cotidiano. Elas impregnam a maioria de nossas relações estabelecidas, os objetos que nós produzimos ou consumimos e as comunicações que estabelecemos.

Nós sabemos que elas correspondem, dum lado, à substância simbólica que entra na sua elaboração e, por outro lado, à prática específica que produz essa substância, do mesmo modo como a ciência ou o mito correspondem a uma prática científica ou mítica. (Moscovici, 2003, p. 10)

De acordo com Moscovici, essas opiniões e crenças partilhadas por sujeitos de um mesmo grupo são convenções provenientes da própria natureza das representações. Assim sendo, categorizações de objetos, pessoas ou coisas são elaboradas para que possamos separá-las em diferentes “caixinhas”. O autor ainda ressalta que “Mesmo quando uma pessoa ou objeto não se adequam exatamente ao modelo, nós o forçamos a assumir determinada forma, entrar em determinada categoria, na realidade, a se tornar idêntico aos outros, sob pena de não ser nem compreendido, nem decodificado.” (2003, p. 34)

Segundo Moscovici (2003, p. 36), as representações sociais são ideias capazes de delinear a realidade e influenciar o comportamento dos sujeitos em favor dessa realidade. Tais ideias são tão resistentes a ponto de se tornarem familiares aos sujeitos e, conseqüentemente, inquestionáveis.

Além de Moscovici, Silva (2012, p. 91) trata da representação no contexto em que estão inseridas a problemática da identidade e da diferença. Conforme afirma o autor, essas concepções estão diretamente relacionadas com os sistemas de representação, visto que “É por meio da representação que . . . a identidade e a diferença passam a existir. Representar significa, neste caso, dizer: ‘essa é a identidade’, ‘a identidade é isso’”.

Como mencionado anteriormente, a identidade e a diferença são cultural e socialmente criadas, o que implica que são determinadas por relações de poder entre si. Segundo o autor, é por meio da representatividade que as relações de poder e a problemática da identidade dialogam.

Quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade. É por isso que a representação ocupa um lugar tão central na teorização contemporânea sobre a identidade e nos movimentos sociais ligados à identidade. Questionar a identidade e a diferença significa, nesse contexto, questionar os sistemas de representação que lhe dão suporte e sustentação. (Silva, 2012, p. 91)

Assim, uma vez que a produção da identidade se dá por meio da linguagem e de relações de poder, pode-se concluir, com base em Silva, que a formação identitária se dá por meio de repetições constantes.

Outro teórico que também se debruçou no tratamento da representação foi Stuart Hall (2016). Em *Cultura e representação*, Hall define cultura não apenas como um conjunto de produções artísticas compartilhado por um grupo específico de pessoas, mas também como uma coleção de práticas e significados iguais partilhados entre um mesmo grupo. Apesar desses significados parecerem únicos, o teórico afirma que “em toda cultura há sempre uma grande diversidade de significados a respeito de qualquer tema e mais de uma maneira de representá-lo ou interpretá-lo” (Hall, 2016, p. 20).

Assim, para Hall, a representação se dá por meio da cultura e da linguagem, uma vez que os sentidos compartilhados em uma mesma cultura são produzidos por intermédio da linguagem. Entretanto, conforme destaca o teórico, os sentidos não estão nas palavras por si só, mas “somos nós quem fixamos o sentido tão firmemente que, depois de um tempo, ele parece natural e inevitável” (Hall, 2016, pp. 41-42).

10

Apesar disso, tais sentidos também podem sofrer modificações com o tempo, uma vez que nem mesmo os códigos, elaborados por convenções sociais, são absolutos e imutáveis, conforme ressalta o autor.

Essas questões que concernem à representação são retomadas em nossas análises com o intuito de investigar quais ideais sobre o que é ser tradutor estão sendo reproduzidos tanto no campo do senso comum como no âmbito acadêmico a ponto de se cristalizarem e, conseqüentemente, atribuírem identidades teoricamente contraditórias ao tradutor.

Identidades em curso

Para tratar de questões que dizem respeito à representação da constituição identitária do sujeito tradutor, foram utilizados alguns questionáriosⁱⁱ de alunos do primeiro ao quarto ano do curso de Bacharelado em Letras com Habilitação de Tradutorⁱⁱⁱ, da Unesp, campus de São José do Rio Preto. Nosso corpus foi formulado a partir de parte das respostas que obtivemos desses questionários durante pesquisa realizada recentemente. Ao interpretar os discursos dos alunos, realizamos uma análise qualitativa por meio de um estudo de caso que retoma e salienta os conceitos teóricos elencados previamente.

A fim de discorrer brevemente a respeito do método utilizado em nossa pesquisa, apoiamo-nos no trabalho de Yin, no qual o autor investiga questões concernentes ao estudo de

caso. Em *Estudo de caso: planejamento e métodos* (2001), Yin afirma que o pesquisador pode desenvolver sua investigação com base no método do estudo de caso sempre que tiver pouco controle sobre os dados a serem analisados e principalmente quando seu estudo estiver relacionado com questões contemporâneas.

Tratando, também, da natureza desse tipo de investigação, em “Métodos de pesquisa qualitativa” (2019), Paiva afirma que o estudo de caso possui um caráter natural de pesquisa, pois tem como intuito analisar questões que ocorrem em ambientes naturais, ou seja, ambientes que não precisam ser criados para que a pesquisa ocorra.

De acordo com Yin (2001), o investigador poderia utilizar o método de estudo de caso “quando deliberadamente quisesse lidar com condições contextuais — acreditando que elas poderiam ser altamente pertinentes ao seu fenômeno de estudo” (Yin, 2001, p. 32). Além disso, o estudo de caso, conforme o teórico, não é um método de coleta de dados, mas sim um método amplo de pesquisa que, em geral, faz uso de diversas variáveis presentes nos dados coletados e se baseia nas proposições teóricas elencadas em cada pesquisa.

No momento da análise dos dados, o autor trata da relevância de o pesquisador examinar as diversas evidências em questão e trazer para a pesquisa as diferentes interpretações que podem ser feitas do que está sendo analisado.

Antes de iniciarmos as análises de nosso estudo de caso, faremos um breve esboço do curso ao qual essa pesquisa se vincula com base em seu Projeto Pedagógico. O curso de Bacharelado em Letras com Habilitação de Tradutor, da Unesp, campus de São José do Rio Preto, é reconhecido pela Portaria MEC nº. 77, de 18/02/1983 e pela Portaria CEE-GP nº. 429, de 11/11/2002. Após diversas mudanças em sua proposta curricular, foi aprovada a Resolução Unesp nº 33, de 18/03/2005, por meio da qual se estabeleceram algumas modificações na estrutura do curso. Com duração mínima de quatro anos, o curso é integral e anual, e disponibiliza 32 vagas para os alunos que prestam o vestibular da Unesp. De acordo com o Projeto Pedagógico apresentado no site da universidade, o objetivo do curso é formar profissionais para atuar nas áreas de tradução e versão de textos técnicos, científicos, literários e comerciais.

Desde o reconhecimento do curso, conforme citado em seu Projeto Pedagógico, os discentes têm a oportunidade de aprender duas línguas estrangeiras, sendo elas uma Língua Estrangeira A, o inglês ou o francês, e uma Língua Estrangeira B, o espanhol ou o italiano. Apesar de estudarem duas línguas, os alunos se formam apenas com habilitação na língua A, isto é, no inglês ou no francês. A escolha pelas línguas a serem estudadas depende

primeiramente da classificação dos estudantes no vestibular. Dessa forma, os alunos com melhor classificação têm vantagem no momento dessa seleção.

Além das disciplinas mencionadas acima, o curso conta com diversas matérias que são consideradas essenciais para a formação de tradutores, dentre elas um estágio de tradução realizado no último ano do curso. A fim de apresentar os conteúdos estudados durante os quatro anos de curso, apresentamos, abaixo, quadros contendo todas as disciplinas e suas respectivas cargas horárias.

Quadro 1

Disciplinas do 1º ano e carga horária

Disciplinas – 1º ano	Carga horária
Língua Espanhola/Italiana I	180 h/a
Língua Francesa/Inglês I	180 h/a
Língua Latina	90 h/a
Teoria da Literatura	90 h/a
Tópicos Especiais em Língua Portuguesa	180 h/a
Introdução à Linguística	60 h/a
Introdução às Normas de Tradução	60 h/a

Fonte: Oliveira & Deângeli (2021).

12

Quadro 2

Disciplinas do 2º ano e carga horária

Disciplinas – 2º ano	Carga horária
Teorias da Tradução I	60 h/a
Prática de Redação I em Língua Francesa/Inglês	60 h/a
Prática de Tradução I em Língua Francesa/Inglês	60 h/a
Prática de Tradução I em Língua Espanhola/Italiana	60 h/a
Introdução à Terminologia e às Técnicas de Tradução	60 h/a
Língua Francesa/Inglês II	120 h/a
Língua Espanhola/Italiana II	120 h/a
Prática de Redação em Língua Portuguesa	120 h/a
Cultura Brasileira I	90 h/a
Sociolinguística Aplicada à Tradução	60 h/a

Fonte: Oliveira & Deângeli (2021).

Quadro 3*Disciplinas do 3º ano e carga horária*

Disciplinas – 3º ano	Carga horária
Teorias da Tradução II	60 h/a
Prática de Redação II em Língua Francesa/Inglesa	60 h/a
Prática de Tradução II em Língua Francesa/Inglesa	60 h/a
Prática de Tradução II em Língua Espanhola/Italiana	60 h/a
Língua Francesa/Inglesa III	90 h/a
Língua Espanhola/Italiana III	60 h/a
Cultura Francesa/Inglesa	60 h/a
Literatura Francesa/Inglesa	60 h/a
Prática de Leitura em Língua Portuguesa	90 h/a
Semântica e Pragmática	60 h/a
Cultura Brasileira II	60 h/a

Fonte: Oliveira & Deângeli (2021).

Quadro 4*Disciplinas do 4º ano e carga horária*

Disciplinas – 4º ano	Carga horária
Prática de Redação III em Língua Francesa/Inglesa	60 h/a
Prática de Tradução III em Língua Francesa/Inglesa	60 h/a
Estágio de Tradução I em Língua Francesa/Inglesa	240 h/a
Prática de Tradução III em Língua Espanhola/Italiana	60 h/a
Língua Francesa/Inglesa IV	60 h/a
Língua Espanhola/Italiana IV	90 h/a
Cultura Francesa/Norte-Americana	60 h/a
Literatura Francesa/Norte-Americana	60 h/a
Estilística da Língua Portuguesa	90 h/a

Fonte: Oliveira & Deângeli (2021).

Para um melhor aproveitamento de todas as disciplinas mencionadas, o curso conta com recursos disponibilizados pela universidade. Dentre eles, estão: seis salas-ambiente com projetor multimídia e aparelhos de vídeo e áudio, onde há o aprendizado das línguas, literaturas e culturas estrangeiras; um laboratório de idiomas; e uma oficina de tradução. Dentre os diversos objetivos da criação da oficina de tradução está a abertura ao público interno e externo com vistas a receber solicitações de tradução. Além disso, os discentes também têm acesso ao

ERIC – English Resource Information Centre – (Centro de Recursos e Informações de Língua Inglesa); ao CRIF – Centre de Ressources et d’Informations en Français – (Centro de Recursos e Informação em Francês); ao CEEI (Centro de Estudos de Espanhol e Italiano) e ao Projeto Teletandem Brasil, no qual, por meio de uma parceria entre a Unesp e algumas universidades estrangeiras, os alunos têm a oportunidade de estabelecer contato e trocar conhecimentos com nativos de outros países.

Assim, com base nas teorias elencadas no primeiro tópico, na metodologia apresentada anteriormente e em alguns discursos selecionados a respeito da configuração identitária do tradutor, propomos, para dar continuidade, a análise de parte dos dados obtidos.

Fragmentos de análise

Com base no corpus recolhido, esboçamos, a seguir, uma análise qualitativa de parte das respostas^{iv} a uma das perguntas elencada nos questionários, a que se refere ao entendimento sobre o que significa, para os discentes, ser tradutor. Nosso intuito é refletir acerca do modo como tais discursos estão atrelados às (trans)formações identitárias dos alunos participantes dessa pesquisa e vinculados a determinadas representações, sobre o que é ser tradutor, reproduzidas na sociedade.

Cabe esclarecer que em nenhum momento os alunos se identificaram nos questionários, garantindo-se assim o anonimato de todos os envolvidos na pesquisa.

A fim de facilitar o manuseio do corpus, foram enumerados os questionários de S1 (sujeito número 1) a S97 (sujeito número 97), e, conforme já mencionado, foram elegidos apenas alguns excertos dentre as 97 respostas que obtivemos.

Os fragmentos que seguem visam, então, problematizar crenças enraizadas e, por vezes, contestáveis, que dizem respeito ao ser (do) tradutor.

O tradutor como ponte

Dos 97 questionários analisados, 29 descrevem o tradutor como “ponte” entre duas línguas/culturas. Os alunos, em suas respostas, se referem à noção de ponte de formas diversas, ora como uma “transmissão de sentidos”, ora como uma “adaptação de conteúdos” de uma determinada língua/cultura para outra, ou ainda como um “transporte de noções” de um texto de partida para um texto de chegada.

Essa ideia reproduzida pelos alunos reforça, a nosso ver, um paradigma segundo o qual “. . . concebe-se a tradução como transporte ou transferência ou substituição de significados

por significados equivalentes em outra língua . . .” (Rodrigues, 2012, p. 355). Dessa maneira, a busca pela equivalência na tradução, o desejo de fidelidade ao texto original ou ao autor da obra original são elementos que perpassam seus imaginários e parecem sustentar o ideal de neutralidade na/da tradução assim como o apagamento do sujeito tradutor, uma vez que o “tradutor é ponte”, como podemos observar nos seguintes fragmentos.

Excerto 1

Ser tradutor para mim, além de um privilégio cultural e intelectual, significa ser ponte entre culturas, difusor de informação e considero uma profissão de alta responsabilidade. (S1)

Ainda estou em busca do significado de ser tradutor, mas um de meus pensamentos é que o tradutor é uma ponte entre pessoas . . . É trabalhar arduamente para um bom fim. Um trabalho pelo qual se é e não é reconhecido. Ser tradutor é uma das coisas mais gratificantes que alguém pode ser. (S39)

É possível verificar que no discurso de S1 são atribuídas qualidades muito elogiosas ao sujeito tradutor. O fato de o discente considerar o tradutor como ponte é também visto como algo positivo que ele associa a um “privilégio cultural e intelectual”. Por ser “ponte” o tradutor atua como “difusor de informações”, propaga conhecimento alhures, logo, “transporta” línguas e culturas; tarefas, que, segundo sua visão, lhe impõem uma “alta responsabilidade”.

Já no fragmento de S39, o aluno revela não saber ainda definir o que é ser tradutor, conforme se pode observar no sintagma: “ainda estou em busca do significado”. No entanto, dessa indefinição e dessa busca de sentido, algo parece lhe dizer que “o tradutor é uma ponte entre duas pessoas”. Essa imagem de “ponte” é também associada a um ofício que confere muita satisfação ao sujeito, o que leva o discente a afirmar que “ser tradutor é uma das coisas mais gratificantes que alguém pode ser”, “é trabalhar para um bom fim”. Mas, conforme se é demonstrado no excerto, o aluno “reconhece” que o *métier* de tradutor oscila entre a visibilidade e a invisibilidade: “[é] um trabalho pelo qual se é e não é reconhecido”. Assim, por um lado, sobressai uma percepção muito valorativa da profissão, do ponto de vista intelectual e humano, como atestam os sintagmas empregados pelo discente; por outro, reconhece-se a não valorização da profissão (“Um trabalho pelo qual se é e não é reconhecido”), e aqui, talvez

se aluda aos aspectos econômicos do mercado de tradução. Conforme aponta Darin, essas imagens contraditórias parecem, há muito, habitar o espaço da tradução:

Da maldição bíblica de Babel sentenciada por Deus à tradução automática, são incontestáveis as avaliações que ora enfatizam o fracasso da atividade tradutória e seu resultado inferior e precário, ora a nobreza de sua missão e seu inestimável valor social. A criação de estereótipos positivos ou negativos sobre a figura do tradutor parte de escritores, críticos literários, filósofos e estudiosos da linguagem, leitores de tradução e dos próprios tradutores. (2010, p. 74)

De mera ponte, transportador de sentidos, o que se vislumbra nos fragmentos a seguir é um sujeito capaz de intervir no texto e ressignificar seus sentidos.

O tradutor como interventor

16

Foi possível também notar, nos diversos discursos analisados, a referência ao fato de que o tradutor é transformador de sentidos, cabendo-lhe assim interpretar o texto original e, a partir de sua interpretação, “criar” um novo texto. Nesse sentido, a tradução adquire também sentidos outros e é concebida como um palimpsesto, ou seja, um processo que implica a “raspagem” de um texto (fonte) e a criação de um outro texto, dando espaço para a subjetividade e para a visibilidade do tradutor (Arrojo, 1986). Dessa forma, a noção de fidelidade também é tomada sob uma nova perspectiva, pois o tradutor passa a ser “fiel” à sua própria interpretação e não ao texto original ou ao seu autor. Observemos alguns trechos das respostas dos discentes que se relacionam a essa outra identidade do tradutor.

Excerto 2

O tradutor é, antes de tudo, um mediador entre culturas, alguém que deve ser crítico, ativo e criativo ao interpretar e resignificar (sic) um texto de outra pessoa e outra língua . . . (S69)

Significa produzir um novo texto a partir de um original. É uma tentativa de atualizar esse texto com meios possíveis para a produção de sentidos no contexto da língua de chegada que se assemelhem com os sentidos construídos pelo tradutor ao ler o texto original. (S37)

Ser tradutor é transformar os sentidos, reescrevendo aquilo que [foi] dito/falado em uma língua para outra. (S40)

Nesses discursos, contrariando a ideia que associa o tradutor a uma ponte, sujeito fiel e neutro, são as visões de um tradutor “crítico”, “ativo”, “criativo” que se enfatiza. Ao interpretar o “original”, ele “reescreve” e “ressignifica” o(s) texto(s); a tradução resulta, assim, de uma experiência individual e subjetiva. Nesse contexto, traduzir é, então, de acordo com Coracini:

. . . transformar, produzir um texto . . . que não será nem totalmente novo/diferente, porque toma como ponto de partida o texto-base, nem totalmente o mesmo, porque toda interpretação gera inevitavelmente outro texto e todo texto é tecido, é textura que, por se encontrar dissimulada, escondida “. . . pode levar séculos para desfazer seu pano. O pano envolvendo o pano”. (Coracini, 2007, pp. 177-178).

A tradução envolvendo o tradutor, o tradutor envolvendo seu texto, em ressignificações infinitas e sempre por vir, que transformam o sentido, reescrevem o “dito” (e talvez o não-dito).

17

Destaca-se ainda no trecho de S69, o uso da palavra “mediador”. Se tal papel atribuído ao tradutor evoca, sobretudo, a imagem de um “intermediário”, alguém que, como questiona Coracini (2007, p. 174), deve “reproduzir em outro idioma uma dada obra”, aqui, o mediador torna-se crítico, ativo, logo, atua como interventor, assumindo uma função criativa.

De forma semelhante, posicionam-se S37 e S40, visto que os sintagmas “produzir um novo texto” e “transformar os sentidos” também apontam a interferência do tradutor no processo tradutório.

Em S37, atentemos ainda para o uso dos vocábulos “tentativa”, “atualizar” e “assemelhar-se” na frase: “É uma *tentativa* de *atualizar* esse texto com meios possíveis para a produção de sentidos no contexto da língua de chegada que *se assemelhem* com os sentidos construídos pelo tradutor ao ler o texto original.” (grifos nossos). Percebe-se que o sujeito parece hesitar entre a ideia de um tradutor criador de sentidos e a de um tradutor mero reproduzidor de significados, pois, quem “atualiza” não cria necessariamente nada de novo; acrescenta-se também o fato de que a “atualização”, tal como expressa pelo aluno, deve “assemelhar-se com” um texto/sentido supostamente original.

É entre a ilusão da fidelidade e o desejo de intervenção que se constroem identidades sempre movediças, e por vezes, contraditórias acerca do tradutor, como veremos a seguir.

Entre o desejo e a impossibilidade de fidelidade

Se as dúvidas, as incertezas e as contradições são características do sujeito pós-moderno, atravessado pelo inconsciente e pela fissura que se instaura em sua constituição, não é de se estranhar que o discurso, enquanto produção dessa(s) subjetividade(s), seja também marcado por essas mesmas incertezas e contradições. É nesse contexto que buscamos ler e problematizar os fragmentos que se seguem, nos quais os discentes parecem oscilar entre um polo e outro, ou seja, entre a afirmação e a negação, entre a certeza e a dúvida, entre o desejo de ser fiel e a impossibilidade de sê-lo. Assim, afirmam que [ser tradutor é]:

Excerto 3

Transmitir o conteúdo de um texto em uma língua de partida para uma língua de chegada. Sendo “fiel” na medida do possível ao texto original. (S85)

Ser tradutor significa . . . ser capaz de transferir, adaptar e passar para a língua que se deseja o que foi feito na obra original. Visto isso traduções de diferentes pessoas nunca serão iguais, devido a carga subjetiva que carrega o tradutor . . . (S4)

18

Nesses discursos, os alunos tratam implicitamente da representação do tradutor como ponte quando abordam a problemática da fidelidade. No entanto, como se observa na fala de S85, a fidelidade à qual alude é parcial, só ocorrendo “na medida do possível”. Ressalta-se também, no referido fragmento, o emprego das aspas no vocábulo “fiel”, o que faz com que leiamos tal asserção com cautela, pois talvez se pretenda enfatizar que a fidelidade é algo a se pôr em suspenso; embora considere a tradução como uma “transmissão de conteúdos” de “uma língua de partida para uma língua de chegada”.

No discurso de S4, o aluno parece se contradizer, ao defender, por um lado, a imagem do tradutor como “ponte” — visto que este deve “ser capaz de transferir, adaptar e passar para a língua que se deseja o que foi feito na obra original” — e ao pontuar, por outro, “a carga subjetiva que carrega o tradutor”.

Neste contexto, é interessante ressaltar a questão do “entre-lugar” tal como abordada por Coracini (2007). De acordo com a autora, o tradutor não se situa em apenas uma língua/cultura, bem como não está em apenas um lugar, mas em vários ao mesmo tempo, ou seja, ele não tem uma identidade fixa; transita incessantemente entre identidades plurais que se contradizem e se “suplementam”. Segundo Coracini:

O tradutor se encontra, pois, entre a ânsia de fidelidade e a impossibilidade de ser fiel; entre a busca das intenções do autor e a impossibilidade desse encontro; entre o consciente e o inconsciente; entre a necessidade e a impossibilidade da tradução . . . (Coracini, 2007, p. 180)

É, de fato, a partir desse “entre” discursivo e tradutório que eles se dizem e dizem os desafios de ser tradutor:

Excerto 4

Para mim, ser tradutor significa ser capaz de ler e entender um texto em na (sic) língua de partida e passar a mensagem desse texto para a língua de chegada, fazendo as alterações e intervenções necessárias. (S2)

O tradutor é o cara que, em algum momento, assume o papel do receptor do discurso, e em outro, assume o papel do autor do discurso. O tradutor precisa ser muito cauteloso em ambos, tanto na percepção do texto como na reconstrução, reprodução dele. Ser tradutor é ser uma ponte entre duas línguas/culturas. (S30)

19

Servir de ponte para anazar (sic) um rio que não exatamente tem margens fixas. Algumas tabuas (sic) se perdem no caminho e outras são criadas. (S22)

No fragmento de S2, três questões interessantes são pontuadas pelo discente: primeiramente, a concepção acerca da competência tradutória, vista aqui como uma capacidade adquirida pelo tradutor, pois, este deve “ser capaz de ler e entender”; em segundo lugar, a alusão ao fato de que o tradutor é “ponte”, uma vez que também deve ser capaz de “passar a mensagem” de uma língua para outra, e, por fim, contrastando com esse último argumento, a ideia de que o tradutor deve fazer “as alterações e intervenções necessárias” no texto, ou seja, interferir no texto. O uso dos vocábulos “alterações” e “intervenções” parece remeter a uma concepção de tradução em que o tradutor é também autor. E aqui, novamente, o discurso aponta uma e outra coisa ao mesmo tempo: o tradutor como mero transportador e como interventor.

Algo semelhante ocorre no discurso de S30. Em um primeiro instante, o sujeito assume que o tradutor é, em algum momento, autor do seu próprio texto, e que, portanto, deve ser

cuidadoso para “reconstruí-lo”, ou seja, deve “raspar cuidadosamente esse pergaminho”. Entretanto, logo em seguida, o(a) aluno(a) se refere ao tradutor como “ponte entre duas línguas/culturas”. Hesita, assim, entre a “reconstrução” e a “reprodução”; a “passagem” e a “ponte”.

No discurso de S22 também observamos marcas dessas contradições. De maneira metafórica, o aluno afirma que o tradutor deve servir de ponte para que se atravesse um rio, mas não se trata de um rio qualquer, visto que suas margens não são fixas. Então, o que poderia ser um simples transporte se encontra desestabilizado pela não fixidez das margens. Nessa travessia, o tradutor “navega em águas turbulentas em que se misturam o desejo (ideal) de fidelidade e a consciência, ainda que parcial, de sua impossibilidade” (Coracini, 2007, p. 185). Não bastassem as margens do rio não serem fixas, anuncia-se ainda que “Algumas tabuas (sic) se perdem no caminho e outras são criadas”, sugere-se, dessa forma, que a carga, nunca chega completa ao seu destino. Tateando, vagueando e “errando”, o tradutor caminha sempre entre (im)possíveis.

20

O que se nota, nos discursos desses discentes, é que a identidade do tradutor é marcada pela heterogeneidade e pela diferença. Ao definirem o que é ser tradutor com base em duas vertentes opostas da tradução, os sujeitos descartam a defesa de uma visão limitadora e impositiva do que é ser tradutor, dando ênfase inconscientemente às várias identidades que os sujeitos podem assumir.

Com base nesses argumentos e a partir das análises esboçadas, trazemos, a seguir, alguns apontamentos.

Algumas considerações

Neste estudo, chamaram-nos a atenção as imagens contraditórias reproduzidas pelos discentes a respeito do que é ser tradutor. Entendemos que a comparação entre tradutor e ponte, reproduzida tanto no âmbito do senso comum quanto no meio acadêmico, reforça a ideia de uma concepção de tradução como algo “neutro”, isento de interferências, e do tradutor como sujeito “fiel” ao original, uma vez que como ponte lhe caberia apenas transportar (fielmente) os sentidos de uma língua para outra. Essas representações parecem levar ao apagamento desse sujeito tradutor. Entretanto, de modo contraditório, em seus discursos, os alunos também defendem o empoderamento do tradutor e sugerem que ele intervenha de modo “ativo”, “crítico” e “criativo” no texto traduzido, reivindicando-lhe, assim, um lugar de fala e um espaço de resistência. Desse modo, parecem oscilar, tal como apontado por Darin (2010), entre a

melancolia e a idealização da figura do tradutor. Darin, retomando o pensamento de Lages (1992), afirma que:

O texto de Lages oferece uma análise das visões de tradutores, escritores e teóricos a respeito da tradução, pelo viés da Psicanálise. Seu argumento central é o de que o exame das imagens tradicionais e mais difundidas do tradutor revela ora um discurso marcado pela melancolia e por uma profunda tristeza, ora uma idealização da figura do tradutor, entendida como tendência à mania (euforia), tendência essa oposta e complementar à melancolia. (Darin, 2010, p. 74)

Tomados pela melancolia e pela euforia, os sujeitos tradutores expressam o desejo de serem ouvidos e se fazerem visíveis em seus discursos e suas traduções. Consideram, certamente, a ponte uma ancoragem, mas sabem que a travessia reserva surpresas e não se faz sem desvios. Acreditam que é possível transportar a carga, no entanto, admitem que ela poderá transbordar. É ali, onde o aqui é alhures, entre a melancolia e a euforia, o consciente e o inconsciente, o si mesmo e o outro, que se encontra o tradutor. É desse lugar infinitamente plural, sem margens fixas, que é a tradução, respondendo às exigências do mercado, traindo, por vezes, suas crenças, seus autores e suas línguas, que podem ser percebidos como sujeitos de seus discursos.

As pontes sempre vão existir, os tradutores também... E nos permitirão ir e vir, atravessar, errar, ainda que do percurso só restem interrogações...

REFERÊNCIAS

- Arrojo, R. (1986). *Oficina de tradução: a teoria na prática*. Editora Ática.
- Aulete, C. *Dicionário online*. Lexikon Editora Digital. <http://www.aulete.com.br/index.php>
- Baker, M. (1992). *In other words: a coursebook on translation*. Routledge.
- Catford, J. C. (1965). *A linguistic theory of translation: an essay in applied linguistics*. Oxford University Press.
- Coracini, M. J. (2007). *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade – línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução*. Mercado de Letras.
- Darin, L. (2010). O impacto social das imagens e representações do tradutor na construção e transformação de sua identidade. *TradTerm*, 16, 67-95.

- Derrida, J. (1991). *A farmácia de Platão* (R. da Costa, Trad.). Iluminuras. [Tradução de: *La pharmacie de Platon*, 1972]
- Derrida, J. (1996). *Le monolinguisme de l'autre*. Galilée.
- Hall, S. (2000). *A identidade cultural na pós-modernidade* (T. T. da Silva & G. L. Louro, Trad.). DP&A Editora. [Tradução de: *The question of cultural identity*, 1992]
- Hall, S. (2016). *Cultura e representação* (D. Miranda & W. Oliveira, Trad.). Ed. PUC-Rio. [Tradução de: *Representation*, 2013]
- Kristeva, J. (1988). *Etrangers à nous-mêmes*. Gallimard.
- Lacan, J. (1998). *Escritos* (V. Ribeiro, Trad.). Jorge Zahar. [Tradução de: *Écrits*, 1966]
- Lages, S. (1992). O tradutor e a melancolia. *Trabalhos em Linguística Aplicada*. Unicamp/IEL, (19), 91-98.
- Moscovici, S. (2003). *Representações Sociais: investigações em psicologia social* (P. A. Guareschi, Trad.). Editora Vozes. [Tradução de: *Social Representations – Explorations in Social Psychology*, 2000]
- Nida, E. (1964). *Toward a science of translating*. E.J. Brill.
- Nida, E., & Taber, C. R. (1982). *The theory and practice of translation* (2. ed.). E. J. Brill.
- Paiva, V. L. M. de O. e. (2019). *Manual de pesquisa em estudos linguísticos* (1. ed.). Parábola.
- Rodrigues, C. C. (2012). Estudos da tradução. In A. V. Gonçalves & M. L. Sousa (Org.) *Ciências da linguagem: o fazer científico?* (pp. 349-379). Mercado de Letras.
- Silva, T. T. (2012). A produção social da identidade e da diferença. In T. T. da Silva, (Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais* (pp. 73-102). Vozes.
- Yin, R. K. (2001). *Estudo de caso: planejamento e métodos* (2. ed., D. Grassi, Trad.). Bookman. [Tradução de: *Case study research: design and methods*, 1994]

ⁱ Cabe mencionar que neste artigo tencionamos discorrer a respeito de duas abordagens concorrentes que se fazem explícitas nos discursos de estudantes de tradução a respeito do que é ser tradutor: a abordagem de fundamentação linguística e a abordagem ancorada numa vertente pós-moderna.

ⁱⁱ Os questionários fazem parte do corpus elaborado por nós em pesquisa recente. Antes de distribuir os questionários aos alunos, o projeto relacionado a esta pesquisa e o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), necessários para o desenvolvimento deste estudo, foram submetidos e aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa. Número do processo: 99305518.0.0000.5466. Comitê de Ética: 5466 – Unesp – Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas/Campus de São José do Rio Preto/Ibilce.

ⁱⁱⁱ Optamos por elaborar este artigo no contexto desse curso específico visto que a aluna responsável por este trabalho se formou recentemente como Bacharela em Letras com Habilitação de Tradutor pela mesma universidade.

^{iv} Vale ressaltar que foi conservada a ortografia apresentada nas respostas dos questionários.